



Sobre a identidade cultural: Stuart Hall e Eduardo Restrepo em diálogo

On cultural identity: Stuart Hall and Eduardo Restrepo in dialogue

Acerca de la identidad cultural: Stuart Hall y Eduardo Restrepo en diálogo

Caroline Kunrath¹

Recebido em: 11 dez. 2024
Aceito para publicação em: 19 jun. 2025

Resumo: Observaram-se neste artigo as articulações feitas por dois autores dos estudos culturais, Stuart Hall e Eduardo Restrepo, em relação ao conceito de *identidade nacional*. Para tanto, foram selecionados, de uma parte, materiais em que Hall discute a diáspora caribenha e, de outra, materiais em que Restrepo aborda *viradas* que ocorreram em seu país no fim do século XX. Por conta de suas origens e interesses de pesquisa serem distintos, o conceito manifesta-se de forma diferente em seus textos: Hall parte de uma experiência particular, ao passo que Restrepo observa, por meio de documentos, eventos da genealogia colombiana. Pode-se dizer, em suma, que o primeiro se associa à diáspora caribenha, ao passo que o segundo, ao patrimônio natural e ao caráter multiétnico e multicultural colombiano. Entende-se, entretanto, que há fatores de aproximação, os quais estão vinculados ao passado colonial comum a ambos os territórios e que, de algum modo, permanecem, ainda hoje, presentes em suas identidades nacionais. O mesmo se dá com o caráter pluriétnico de ambas as identidades, o Caribe por estar vinculado ao conceito de

¹ Licenciada em Letras – Português/Espanhol. Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4043-5193>.

diáspora, sendo, portanto, o seio da hibridização, e a Colômbia por reconhecer, a partir das *viradas*, os grupos étnicos, incluindo-os na representação nacional, o que resulta na legitimação de natureza multiétnica. Ainda, há diálogo entre os autores, uma vez que o pensamento de Hall reflete no trabalho de Restrepo. Hall distancia-se de concepções essencialistas sobre uma diáspora que permanece imutável; Restrepo, por seu turno, critica concepções essencialistas nos discursos analisados sobre sujeitos negros e indígenas e sobre a busca por certa pureza genética.

Palavras-chave: estudos culturais; identidade cultural; identidades nacionais; Stuart Hall; Eduardo Restrepo.

Abstract: In this study, articulations by two authors of cultural studies, Stuart Hall and Eduardo Restrepo, in relation to the concept of national identity, were analysed. To this end, materials in which Hall discusses the Caribbean diaspora were selected, as well as materials in which Restrepo addresses changes that occurred in his country at the end of the 20th century. Due to their different origins and research interests, the concept manifests itself differently in their texts. Hall begins with a particular experience, while Restrepo observes, through documents, events in Colombian history. In short, it can be said that the former associates himself with the Caribbean diaspora, while the latter associates himself with Colombia's natural heritage and multi-ethnic and multicultural character. It was understood that there are factors of approximation, which are linked to the colonial past common to both territories and which, in some way, remain present nowadays in their national identities. The same happens with the multi-ethnic nature of both identities, the Caribbean one, because it is linked to the concept of diaspora, heart of hybridization, and the Colombian one, since it recognizes the ethnic groups, including them in the national representation, resulting in the legitimization of a multi-ethnic nature. There is a dialogue between the authors, since Hall's thinking reflects on Restrepo's work. That is, Hall distances himself from essentialist conceptions about a diaspora that remains immutable, and Restrepo, in turn, criticises essentialist conceptions in the analysed discourses about black and indigenous subjects and about the search for genetic purity.

Keywords: cultural studies; cultural identity; national identities; Stuart Hall; Eduardo Restrepo.

Resumen: Este artículo aborda las articulaciones producidas por dos autores de los estudios culturales, Stuart Hall y Eduardo Restrepo, sobre el concepto de identidad nacional. Para eso fueron elegidos, de una parte, materiales en los que Hall discute la diáspora caribeña y, de otra, materiales en los que Restrepo aborda *viradas* que ocurrieron en su país a finales del siglo XX. Por sus orígenes e intereses de investigación distintos, el concepto se manifiesta de forma diferente en sus textos. Hall parte de una experiencia particular, mientras Restrepo observa, por medio de documentos, eventos de la genealogía colombiana. El primero se vincula a la diáspora caribeña, y el segundo se vincula al patrimonio natural y al carácter multiétnico y multicultural colombiano. Sin embargo, se comprende que existen elementos de acercamiento que están vinculados al pasado colonial común a ambos territorios y que de algún modo permanecen presentes en sus identidades nacionales aún hoy. Asimismo, las dos identidades comparten el carácter pluriétnico, el Caribe por estar vinculado al concepto de diáspora, o sea, el corazón de la hibridación, y Colombia por reconocer por medio de las *viradas* a los grupos étnicos, incluyéndolos a la representación nacional, lo que resulta en la legitimación de su naturaleza multiétnica. Además, existe un diálogo entre los autores, ya que el pensamiento de Hall se

refleja en el trabajo de Restrepo. Es decir, Hall toma distancia de concepciones esencialistas sobre una diáspora que permanece inmutable, y Restrepo, a su vez, critica concepciones esencialistas en los discursos analizados sobre sujetos negros e indígenas y sobre la búsqueda por la pureza genética.

Palabras clave: estudios culturales; identidad cultural; identidades nacionales; Stuart Hall; Eduardo Restrepo.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Stuart Hall e Eduardo Restrepo são dois nomes dos chamados estudos culturais. O primeiro, sociólogo, nascido na Jamaica, ainda jovem migrou para a Inglaterra, onde desenvolveu grande parte de seu pensamento, concentrando-se na diáspora caribenha, na questão Europa *versus* "o resto", na modernidade etc. Nessas discussões, manifesta-se o conceito de *identidade cultural*, amplamente explorado pelo pensador. De outra parte, Restrepo é um antropólogo colombiano que tem seu foco de estudos na América Latina, abordando especialmente o multiculturalismo, a educação latino-americana, as populações afrodescendentes e a região do Pacífico colombiano.

Há que se considerar dois fatores ao colocar Hall e Restrepo em diálogo. O primeiro é que suas produções são desenvolvidas em períodos bastante distintos: enquanto Hall elabora suas contribuições sobretudo na segunda metade do século XX, Restrepo desenvolve seu trabalho no início do século XXI. O pensamento de Hall forma-se em meio a eventos mundiais importantes, como a Guerra Fria, as guerras de independência, inclusive de seu país natal, o surgimento dos movimentos feministas da década de 1970 etc., os quais influenciam suas reflexões. O pensamento de Restrepo, por sua vez, desenvolve-se quando muitas das questões que eram pauta no século XX hoje estão esclarecidas ou se discutem sob outras perspectivas. Na atualidade colombiana, a exemplo, as discussões em torno da virada ao multiculturalismo dos anos 1990 ganham profundidade, de modo que se passou a pensar políticas curriculares de/para afrodescendentes, assim como surgiram discussões nos âmbitos acadêmico e político sobre a adequada substituição do termo "negro" (que em si traria uma associação racista de coisificação) por "afrodescendente" ou "afrocolombiano" ou "afro" (Restrepo; Rojas, 2012; Restrepo, 2021). O segundo fator diz respeito à contribuição de Hall ao pensamento de Restrepo, na medida em que, além de ser um estudioso das ideias do sociólogo (Restrepo, 2016, 2022), também aporta suas reflexões no trabalho dele. Destacam-se: 1) o compromisso com um pensamento sem garantias² e o entendimento da cultura como poder; 2) o afastamento de noções como "pureza" ao tratar de comunidades negras e indígenas – tal posicionamento pode ser apreendido tanto nas reflexões empreendidas por Hall quanto no trabalho de Restrepo; 3) por fim, as contribuições de Hall para pensar a América Latina, em especial a partir de sua crítica ao eurocentrismo, que igualmente influenciam o pensador contemporâneo. Essas são noções que se manifestam nos trabalhos desenvolvidos pelo antropólogo colombiano.

Ambos os pensadores têm experiências diferentes com relação aos estudos culturais: Hall pertenceu ao campo por meio da experiência britânica, tida como o ponto de partida

² Concepção desenvolvida por Hall ao tratar dos estudos culturais. Um pensamento sem garantias pressupõe uma vontade política, de forma que os estudos culturais pretendem transformar o mundo e consideram que o conhecimento é uma ferramenta importante para alcançar a transformação. Um pensamento com garantias, pelo contrário, já possui as respostas, e as pesquisas são realizadas apenas para demonstrar o que já se sabia (Restrepo, 2014b).

dos estudos culturais nos anos 1960, e elaborou suas reflexões com base no Caribe, ao passo que Restrepo, a partir dos anos 2000, voltou-se para a América Latina (ainda que sua formação seja majoritariamente estadunidense)³.

Desse modo, se o pensamento de Hall parte do Caribe, o de Restrepo parte da Colômbia (em muitos aspectos “conversando” com as proposições de Hall); já que “todo pensamento é moldado a partir de onde ele se origina, o conhecimento é sempre, até certo ponto, ‘posicional’” (Hall, 2007, p. 271, tradução livre)⁴. O contexto de formação (ou seja, o *onde*) está presente no pensamento de um autor, tanto em seus interesses quanto nas posições que toma e nos vínculos que estabelece (Hall, 2007). Isso importa até mesmo na leitura de seu trabalho, pois permite que se tenha uma compreensão mais transparente de suas ideias. Portanto, as discussões de Hall estão situadas em uma perspectiva, um posicionamento caribenho em relação à Europa, ao passo que Restrepo tem uma mirada latino-americana e, especialmente, colombiana.

À vista do exposto, pretende-se compreender como o conceito de *identidade cultural*, em particular de *identidade nacional*, é articulado nas discussões dos dois pensadores. Entende-se que há uma diferença entre os dois casos. Restrepo discute a Colômbia, portanto, fala-se de uma identidade nacional propriamente dita, enquanto Hall, ao abordar o Caribe, ascende o conceito para um olhar transnacional, ou regional. Tal diferença, no entanto, não causa prejuízo à discussão que se quer estabelecer, pois em ambas as conjunturas há marcas culturais presentes no discurso coletivo.

Para tanto, serão resgatados textos de Stuart Hall (2006, 2013b, 2015) dedicados a pensar a diáspora caribenha; de igual maneira, serão explorados trabalhos de Eduardo Restrepo (2013a, 2013b, 2014a, 2020; Restrepo; Schwartz, 2013) que discutem aspectos de uma identidade colombiana. Hall, como sujeito diaspórico, parte de sua vivência particular para pensar a identidade do Caribe: ao migrar cedo para a metrópole, pôde observar a região natal de pontos de vista distintos, de modo que suas reflexões dizem respeito à sua experiência “dentro e fora” ao mesmo tempo. A contribuição de Restrepo, diferentemente, está atrelada a eventos dos anos 1990 que marcaram a história colombiana.

IDENTIDADE CULTURAL, IDENTIDADE NACIONAL

A *identidade cultural*, segundo Hall (2015, p. 9), diz respeito a “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Deter-se-á aqui somente sobre a *identidade nacional*, tendo em vista ser o foco do trabalho. Assim sendo, a *identidade nacional* faz parte de um *sistema de representação cultural* (Hall, 2015), o que significa dizer que as *identidades nacionais* são formadas por um conjunto de ideias criadas a respeito delas.

Portanto, à vista de ser, conforme Hall (2015, p. 36, grifos do original), um “*dispositivo discursivo*” da modernidade, a cultura nacional impõe determinadas lógicas de constituição, nas quais há a tentativa de gerar uma cultura homogênea. Por conta disso, no seio dessa representação nacional existem instituições que, por excelência, reforçam o exercício do que se pode chamar de poder cultural sobre a nação, como o sistema de ensino e o sistema político.

³ É doutor em Antropologia pela Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, sendo orientado por Lawrence Grossberg, um importante nome dos estudos culturais na atualidade.

⁴ Todas as traduções são de responsabilidade da autora.

Nesse sentido, tendo em vista que as pessoas pertencentes a determinada comunidade são incluídas em tal sistema de representação, de maneira a criar um todo homogêneo, desde quando nasce e no decorrer do seu desenvolvimento e apropriação do mundo o indivíduo percebe e adere, ou não, aos traços que compõem “a sua” identidade nacional, sempre coletiva-compartilhada a partir de determinadas instâncias e signos. A cultura nacional, dessa forma, é “um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 2015, p. 31, grifo do original).

Hall (2015), no entanto, argumenta a favor de uma desconstrução da “cultura nacional”. Isso porque ele questiona o quanto a *identidade nacional* que se propõe unificar pode anular ou mesmo subordinar a diferença cultural. A cultura nacional tende a agrupar todos os seus habitantes, independentemente de seu credo, de sua classe social etc., em uma unidade nacional, de maneira que todos sejam representados por uma única ideia. Por conta disso é que se entende que o indivíduo pode ou não aderir aos traços, ou pelo menos a parte deles, da cultura nacional; toma-se como exemplo um brasileiro não falante de português como língua principal. Esse é o caso da cultura surda, em que a Língua Brasileira de Sinais se constitui em sua primeira língua e o português como a segunda.

Hall (2015, p. 35) afirma que “a maioria das nações modernas⁵ consiste em culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural”. Depois, diz que “as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero” (Hall, 2015, p. 36). Por fim, que “as nações ocidentais modernas foram também os centros de impérios ou de esferas neoimperiais de influência, exercendo uma hegemonia cultural sobre as culturas dos colonizados”.

Dados os argumentos do jamaicano, é necessário, portanto, pensar as culturais nacionais não como unificadas naturalmente, mas “constituindo um *dispositivo discursivo*” (Hall, 2015, p. 36, grifos do original) que busca, por meio de diferentes formas de poder cultural, estabelecer uma unidade nacional. A ideia de homogeneidade é uma construção/um artifício, pois se procura suprimir as diferenças em prol de uma identificação nacional coletiva, mas elas não se dissipam simplesmente, de maneira que continuam, de distintos modos, a compor e a caracterizar as identidades individuais, que são também construções constantes.

Ainda, há outro ponto de tensão no que tange às identidades nacionais, que parece refutar uma vez mais uma concepção homogênea dessas identidades, o fenômeno da globalização e o seu efeito sobre as identidades. Esse “complexo de processos e forças de mudanças” (Hall, 2015, p. 39) é o responsável por, aos olhos do sociólogo, ter deslocado as identidades culturais nacionais no fim do século XX. Assim sendo, “as identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização e do ‘pós-moderno global’”; “as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização”; “as identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar” (Hall, 2015, p. 40, grifos do original).

As afirmações de Hall indicam, por conseguinte, a impossibilidade de uma identidade nacional ser “pura”, dado que a disseminação massiva dos traços culturais de outras comunidades, via aparatos tecnológicos, faz com que aspectos de outras culturas sejam aderidos, de maneira que o suposto “purismo” da cultura nacional se torna fragilizado.

⁵ Por nações modernas, Hall (2015, p. 12) entende se tratar de “sociedades de mudança constante, rápida e permanente”.

Dessa forma, pode-se concluir que todas as identidades culturais modernas são, em realidade e definitivamente, “híbridos culturais” (Hall, 2015, p. 36), ou seja, marcadas pela pluralidade e mistura de culturas. À primeira vista, o impacto da globalização pode ser positivo, pois exerce “um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação” (Hall, 2015, p. 51), de maneira a tornar “as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (Hall, 2015, p. 51). As identidades culturais, para Hall (*in* The Stuart [...], 2013, s. p.), são construídas na relação entre “o que somos e as ideologias políticas que existem” e sempre são posicionadas⁶.

IDENTIDADE NACIONAL: CARIBE

As discussões de Hall centram-se no caráter diaspórico do Caribe. Entende-se tradicionalmente por diáspora a dispersão de um povo pelo mundo, seja de ordem natural ou forçada, bem como o seu contínuo sentimento de relação “real ou imaginária, com a ‘terra natal’, mediado por dinâmicas de memória coletiva e pela política do ‘retorno’” (Edwards, 2017, p. 51-52). Igualmente, essa concepção de diáspora presume que a identidade cultural é fixada no nascimento do indivíduo e que a mudança de território não a altera, de maneira que as migrações carregam consigo um sentimento de “retorno redentor” (Hall, 2013b, p. 31). Contudo a concepção de Hall (2013b) difere do sentido tradicional, pois entende que não existem regiões puras, constituídas por uma única etnia. Ao contrário, a formação do Caribe, a exemplo, deu-se pela chegada de africanos escravizados, de asiáticos, de colonos europeus que “se misturaram” de diferentes formas com os povos originais daquelas terras. Assim como muitos caribenhos se deslocaram e continuam se deslocando para a metrópole,

nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas (Hall, 2013b, p. 33).

Nesse sentido, o retorno a algo puro não existe, “a África original já não existe” (Hall, 2006, p. 29), pois a mistura de culturas e, por conseguinte, de identidades já aconteceu. Aliás, “[...] as identidades culturais não são estabelecidas por nenhum ‘retorno à origem’ efetiva” (Hall, 2019, p. 115). No caso caribenho, a cultura tem uma configuração diaspórica, ou seja, no sentido antropológico, trata-se de culturas impuras. Isso significa dizer que a identidade cultural do Caribe é diaspórica justamente porque se constitui pela diversidade e pela heterogeneidade; “essa impureza, tão frequentemente construída como carga e perda, é em si mesma uma condição necessária à sua modernidade” (Hall, 2013b, p. 37). Por isso, o Caribe é a máxima representação das identidades híbridas modernas discutidas por Hall; o Caribe “é a prova dessa questão da identidade. Todo

⁶ Por posicionadas, considera-se a discussão de Hall (2007) de que todo conhecimento é posicionado, ou seja, está localizado em algum lugar, parte da realidade e experiência daquele que o constrói.

mundo que está ali veio de outro lugar. De modo que todos somos híbridos. [...] Cada vez mais, as identidades sociais e culturais das pessoas serão de uma hibridizadora complexa, e o Caribe é o lar da hibridização” (Hall *in* The Stuart [...], 2013, s. p.).

A identidade cultural caribenha forma-se, de acordo com Hall (2006), de três principais contribuições: a africana, a europeia e a americana. A Europa “pertence irrevogavelmente ao ‘jogo’ do poder, às linhas de força e de consentimento, ao papel *dominante* na cultura caribenha” (Hall, 2006, p. 30, grifo do original), de modo que a presença europeia representa o poder e está permanentemente marcada e anunciada na sociedade caribenha, aproximando-se do que Hall chama de “assimilação”, porque a Europa significa, portanto, um desejo de “querer ser como eles”. Nas palavras do autor, “quando alguém fala de assimilação no Caribe, sempre há a sensação de que o povo caribenho constantemente está inclinando-se para frente, quase ao ponto de cair, esforçando-se para alcançar outro lugar” (Hall, 2010, p. 410). Depois, há a presença americana, a qual representa o espaço físico⁷ onde os povos se encontraram: “O Novo Mundo é o terceiro termo – o cenário primordial – em que se encenou o encontro fatídico/fatal entre África e o Ocidente” (Hall, 2006, p. 32). A América é o espaço onde ocorreram/ocorrem as assimilações, o encontro das identidades que formam a diáspora caribenha, os deslocamentos, “o Novo Mundo simboliza as inúmeras maneiras pelas quais o povo caribenho foi destinado a ‘migrar’; é o significante da própria migração” (Hall, 2006, p. 32).

Por fim, no que se refere à presença africana no Caribe, foi somente nos anos 1970 que ela foi reconhecida. Se a presença europeia significava o dito constantemente, a africana significava o não dito. Isto é, em sociedades como a jamaicana, na qual a presença colonial era indicativa das relações culturais – veja-se a afirmação de Hall (*in* The Stuart [...], 2013, s. p.) de que na Jamaica colonial a pergunta sobre qual o tom de pele exato da pessoa significava ler a sua classe social, sua educação e seu *status* dentro da sociedade –, parece natural que a matriz cultural de parte da identidade caribenha não fosse assumida. Por isso, apenas após a independência é que “essa identidade afro-caribenha ficou historicamente disponível para a grande maioria do povo jamaicano [...]. Nesse momento histórico, os jamaicanos descobriram que eram ‘negros’” (Hall, 2006, p. 29). Aliás, nesse “mesmo momento, descobriram ser os filhos e filhas da ‘escravatura’”. Essa descoberta⁸ só foi possível por conta dos eventos da revolução pós-colonial, de lutas pelos direitos civis, do rastafarianismo e do gênero musical *reggae* (Hall, 2006).

A presença africana está ligada ao que Hall (2010) denomina de retenção, assimilação e retorno simbólico à África. A retenção relaciona-se aos aspectos culturais que estiveram coibidos durante todo o período colonial. Depois, a assimilação, que marcou a relação entre o Caribe e a Europa, ou seja, o desejo de ser como eles, a qual foi interrompida, parcialmente, com a revolução cultural que houve após a Independência. Chega-se, portanto, ao retorno simbólico à África, o qual foi marcado pelo descobrimento e reconhecimento do legado e dos traços de origem africana que marcam a identidade caribenha. Naturalmente, refere-se a um retorno simbólico, pois trata da identificação, incorporação e legitimação de traços culturais à sua identidade, sem, no entanto, haver uma promessa de retorno redentor às origens (não se pode voltar a uma África pré-colonial, pois ela já não existe) e a um estado de pureza essencializada.

⁷ No entendimento de Hall (2006), a América é o solo que foi esvaziado pelos europeus e depois preenchido pelos deslocamentos de povos.

⁸ O processo político de busca por uma identidade jamaicana resultou no retorno “às raízes”, com o propósito de encontrar os traços característicos dos grupos constitutivos de sua história cultural, como no caso da África, mas também da Europa e até mesmo da América, o “Novo Mundo”, que sediou o encontro entre África e o Ocidente e é território de contínuos deslocamentos (Hall, 2006).

Portanto, os reflexos da cultura africana⁹ que podem ser visualizados na identidade cultural caribenha reforçam seu caráter diaspórico – uma diáspora formada por dois movimentos diferentes, cada qual com seus rastros de violência: em primeiro lugar, há a diáspora africana no Caribe, formada por negros trazidos à força e submetidos à escravidão; depois, há a diáspora do país colonizado para o país colonizador, caso da Jamaica para com a Inglaterra.

Veja-se a situação de Aimé Césaire e Frantz Fanon, que se inscrevem no segundo movimento diaspórico ao emigrar da colônia, Martinica, para a metrópole, França. O mesmo ocorreu com o próprio Hall, que migrou para a Inglaterra ainda nos anos 1950, antes da Independência da Jamaica, que só aconteceu nos anos 1960. Ainda que ele mantivesse um posicionamento crítico sobre o *estado de coisas* de seu país, identificando-se com a independência e o anti-imperialismo, questões familiares¹⁰ levaram-no a compreender com maior clareza o mundo cultural que permeava a sua vida, decidindo por migrar, uma decisão, ele julga, tomada para salvar a si próprio (Hall, 2013a).

Ele chama de *multicultural* (in The Stuart [...], 2013, s. p.) essa experiência que envolve as duas diásporas (a africana no Caribe e a caribenha na Inglaterra); conseqüentemente, o deslocamento do autor entre ambas as diásporas implica, ao cabo, que o próprio Hall deva ser considerado um intelectual diaspórico. Afinal, na prática, ele conviveu com culturas distintas em condições e dinâmicas igualmente diversas. Dessa maneira, é o entrelugar que caracteriza a identidade de Hall, isto é, estar na fronteira das duas nações, com elementos que permitem uma aproximação, mas sentindo-se distante o suficiente para não fazer parte integralmente de nenhuma. O próprio intelectual jamaicano declarou conhecer intimamente os dois lugares, a Jamaica e a Inglaterra, sem no entanto sentir-se completamente pertencente a nenhum deles. Essa, afirma ele, “é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (Hall, 2013b, p. 460).

Além disso, tal vivência permitiu ao jamaicano estabelecer-se no que ele denomina de “duas formas de pensar a identidade cultural” (Hall, 2006). A primeira é a cultura indivisa, mas compartilhada, de membros com uma história e ancestralidade partilhada, na qual há estabilidade e continuidade, traço que define, em parte, a identidade caribenha, ou seja, a história comum (de colonização, de deslocamento forçado etc.). Foi isso que possibilitou a Hall estabelecer uma identificação com a diáspora caribenha, na Inglaterra, e com a diáspora africana, no Caribe: “Durante toda a minha infância me vi rodeado de sinais, da música e dos ritmos desta África da diáspora que era o resultado de uma série longa e descontínua de transformações” (Hall, 2006, p. 29). A segunda forma de pensar a identidade cultural é o entendimento de que a identidade não é algo fixo e imutável, ao contrário, está em permanente construção; e, muito mais do que um “ser”, é um constante “tornar-se”. Essa é outra faceta da identidade caribenha, visto que “as identidades da diáspora são aquelas que jamais deixam de se ir produzindo e reproduzindo pela transformação e pela diferença” (Hall, 2006, p. 33). Nesse sentido, a própria identidade de Hall e a sua identificação nacional constituíram uma constante construção, visto que “aos poucos, [como ele diz] vim a reconhecer que

⁹ Trata-se de uma cultura que por si mesma é multifacetada e composta por diferentes grupos dentro do território africano e que, seja na Jamaica, seja no Brasil ou em Cuba, houve uma escolha do que significava “este comum africano” a ser resgatado.

¹⁰ Em entrevista a Kuan-Hsing Chen, Hall (2013a) descreveu as características de sua família e momentos de sua infância: uma família negra, mas que não se reconhecia dessa forma, identificando-se muito mais com a cultura inglesa. Assim, Hall, enquanto estudioso e crítico do colonialismo e anti-imperialista, não atendia às expectativas de seus pais.

era um caribenho negro como qualquer outro. Eu conseguia me identificar com isso, conseguia escrever sobre e a partir desta posição” (Hall, 2013a, p. 458).

IDENTIDADE NACIONAL: COLÔMBIA

Eduardo Restrepo, diferentemente de Hall, não é um teórico que se volta para o desenvolvimento de conceitos. Seu perfil é de um estudioso que, munido do aporte teórico dos estudos culturais, reflete sobre diferentes questões latino-americanas e, sobretudo, colombianas. Dessa maneira, a análise sobre seu trabalho dedica-se a entender como o conceito de *identidade nacional* se configura em seus estudos sobre a virada à biodiversidade, à biocolonialidade e ao multiculturalismo¹¹.

Restrepo estudou, por exemplo, a imagem associada aos colombianos da região do Chocó, no Pacífico Ocidental, a qual data do século XIX até meados do século XX, uma imagem caracterizada por assumir a região e seus habitantes como “selvas agrestes, climas insanos, habitantes indolentes e atraso” (Restrepo, 2013a, p. 178). Todavia houve, ainda no século XX, entre os anos 1980 e 1990, a partir de uma série de instâncias, uma atenção maior aos recursos naturais presentes na Colômbia. Isso, por seu turno, mudou sobremaneira a visão quanto ao país e sua autoimagem, fomentando, por exemplo, certa ideia de preservação e de riqueza natural.

Nesse sentido, a região, além de haver se tornado um recurso econômico, converteu-se em *patrimônio da nação* (Restrepo, 2013a), de forma a fazer parte da *identidade cultural* colombiana. Isso significa dizer que o argumento do antropólogo é de que o patrimônio natural se incluiu no sistema simbólico que representa a Colômbia, de tal maneira que passou a indicar a singularidade do país, como se pode perceber nos excertos: “É a selva do Chocó Biogeográfico a que abriga a maior riqueza, por metro quadrado, de todas as regiões do planeta, em micro-organismos” (Pérez, 1998, s. p.); “Colômbia é provavelmente o primeiro banco genético do planeta” (Regalías [...], 1993, s. p.).

Entende-se que, desde o ponto de vista de Restrepo, a questão da natureza, arregimentada por uma série de instâncias (organismos internacionais, jornais, mídias, movimentos ambientalistas etc.), acaba por fomentar, naquele momento, o sentimento de identidade coletiva colombiana, que passa a ser definido por marcadores que diferenciam o país do resto do mundo, tal como foi apresentado antes. Em outras palavras, via esse vínculo simbólico há o amalgamento entre a população e a fauna e flora do território.

Além disso, destaca-se que a biodiversidade na região “não era um fato somente biológico, como também resultado de certas lógicas e práticas culturais dos ‘grupos étnicos’ (isto é, indígenas e comunidades negras)” (Restrepo, 2013a, p. 192). Assim, com essa virada em relação à biodiversidade, tais grupos étnicos passaram a ser vistos como os grandes protetores da biodiversidade, uma vez que, por meio de suas práticas – relacionadas à ancestralidade e à natureza –, eram eles que supostamente poderiam

¹¹ As viradas à biodiversidade e ao multiculturalismo serão observadas conjuntamente, pois ocorreram de forma concomitante no país. A virada à biodiversidade foi um evento que modificou o olhar nacional sobre a região do Chocó (Restrepo, 2013a). A virada ao multiculturalismo foi um acontecimento que atentou para as questões étnico-raciais, principalmente para a população afrodescendente da Colômbia, reconhecendo direitos legais a essa fatia da população que até então não era visualizada na representação nacional (Restrepo, 2020).

garantir o futuro da humanidade. Logo, tornaram-se detentores de uma série de direitos culturais e territoriais, resultado do reconhecimento em lei de suas formações como grupos étnicos, caso das comunidades negras e a Lei 70 de 1993 (Restrepo, 2013a, 2013b).

Esse evento ficou conhecido como virada ao multiculturalismo. Entre as conquistas mais importantes, Restrepo (2013b) destaca a nomeação de mais de cinco milhões de hectares como terras coletivas de propriedade das comunidades negras. Por outro lado, tal movimento de reconhecimento reduziu esses povos a uma condição análoga à da natureza – como *patrimônios da nação* –, em vez de reconhecê-los plenamente como cidadãos colombianos, em igualdade com aqueles que não pertenciam a grupos étnicos. Isso se verifica na análise do pesquisador de que “as comunidades negras constituíam um grupo étnico com uma cultura própria e distinta no marco da sociedade colombiana” (Restrepo, 2013b, p. 13). Quer dizer, essas comunidades passaram a ser reconhecidas e foram incluídas no imaginário nacional, mas por aquilo que aportavam de diferença em relação à visão hegemônica da nação.

Como resultado desses processos, em vez de valorização cultural, Restrepo (2013a) descreve que ocorreu um gradativo processo de exotização desses povos. Foram fomentadas iniciativas de turismo na região com direito à visita a algumas comunidades indígenas emberás e “negros nativos” (Restrepo, 2013a). Assim, entende-se que os habitantes da costa colombiana foram pensados em termos de “diferença regional” (Restrepo, 2020, p. 1.228), atrelados às lógicas “da ancestralidade, da comunidade, da autenticidade, da territorialidade, da propriedade coletiva e da harmonia ambiental”, de maneira que são comunidades “antípodas da modernidade, do desenvolvimento, do capitalismo e do ocidente”. Em certo sentido, não houve um rompimento com estereótipos que remontam ao período colonial e que seguiam vigentes até princípios dos anos 1980, apenas dez anos antes das *viradas*.

O argumento do pesquisador colombiano é de que esses povos, nos movimentos de *virada* que aconteceram no século XX, especialmente o da biodiversidade e do multiculturalismo, são “a nação de outro modo”, isto é, fazem parte da identidade nacional, mas são os “outros”, pois representam a diferença cultural em relação ao modelo hegemônico. Nesse sentido, a Colômbia divide-se entre, de uma parte, “grupos étnicos”, como especificado pelo autor, e, de outra, “o resto da população colombiana, que”, por sua parte, “não é marcada como um grupo étnico” (Restrepo, 2020, p. 1.227).

Cabe reiterar que na análise do colombiano essa noção de que as comunidades negras se configuram como um grupo étnico detentor de práticas culturais e territoriais próprias foi histórica e politicamente construída. Aconteceu em um momento e local específicos, com interesses igualmente específicos. Vinte anos após as viradas, permanecia o esforço por ampliar essa noção do sujeito político e com direitos para experiências que se davam fora do eixo do Pacífico (Restrepo, 2013b). Por isso, observa-se que o pesquisador tem uma visão crítica com relação ao discurso historicamente construído sobre a virada ao multiculturalismo, ao não deixar de destacar os resultados ou mesmo a falta deles para as comunidades étnicas. Em suas palavras, “há anos está claro que não basta evocar *imagens culturalistas idílicas* do Pacífico e sua gente para mudar o rumo de morte e desesperança em quase toda a região” (Restrepo, 2013b, p. 296, grifos nossos).

Por fim, convém depreender dos escritos de Restrepo e somar à discussão o tema da biocolonialidade e a proteção das identidades genéticas na Colômbia¹². Segundo

¹² Houve, na Colômbia, entre o fim da década de 1980 e o início da década de 1990, um projeto no qual se objetivava identificar a base genética de ameríndios, negros e mestiços, com o intuito de explorar a diversidade da população colombiana, em termos genéticos e culturais. Para tanto, faziam-se expedições a determinadas áreas, consideradas marginais, a fim de visitar as chamadas comunidades isoladas (Restrepo; Schwartz, 2013).

Restrepo e Schwartz (2013), havia a ideia de que era necessário conhecer e preservar a denominada “Colômbia pura”, quer dizer, os povos nativos. De acordo com eles, falava-se que essas comunidades corriam o risco de desaparecer diante da mestiçagem e das transformações tecnológicas (Restrepo; Schwartz, 2013). O antropólogo colombiano e seu coautor atentam, contudo, para o fato de que é preciso “reconhecer a impossibilidade técnica e ética de isolar e defender genes indígenas, nacionais ou raciais” (Restrepo; Schwartz, 2013, p. 1.006). Eles ainda salientam que é preciso ser crítico à reificação da raça tanto na esfera pública quanto em laboratórios. Quer dizer, eles são céticos no que diz respeito à busca por uma pureza genética, de maneira que criticam a sacralização do patrimônio genético e a forma com que os cientistas genéticos estudaram livremente as comunidades indígenas sem responsabilidade ética.

Pode-se observar, à vista do exposto, a influência do pensamento de Hall nos estudos de Restrepo, já que o colombiano aporta uma visão crítica sobre concepções essencialistas no que concerne aos grupos étnicos e à pureza genética colombiana. A respeito, Restrepo (2022, p. 243) sintetiza que, “no terreno da agência, a identidade não pode deixar de invocar a política, a história, a representação e o poder”. Logo, “longe estamos [...] dessas odes culturalistas ou racializantes que enunciam a identidade como uma simples e necessária expressão da cultura ancestral ou das marcações raciais”. Em consonância, Hall (2015, p. 47, grifos do original) argumenta que “a ideia de que esses são lugares ‘fechados’ – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a ‘alteridade’”, quer dizer, “uma ‘fantasia colonial’ sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos como ‘puros’ e de seus lugares exóticos apenas como ‘intocados’”.

Nesse sentido, observa-se pelos estudos de Restrepo que a ideia de que a Colômbia é uma nação pluriétnica e multicultural foi estabelecida no fim do século XX com a Constituição política de 1991, com os eventos das *viradas*. Antes imperava a concepção de uma Colômbia monocultural e monoétnica (Restrepo, 2014a), visto que as comunidades negras e indígenas eram excluídas da representação nacional em termos étnico-raciais e culturais, porque, vale recordar, até princípios dos anos 1980, ou seja, pouco antes, essas comunidades eram vistas como atrasadas e necessitadas, razão pela qual deveriam ser elaborados projetos de desenvolvimento para elas (Restrepo, 2013b). Foi a partir de eventos específicos que se sedimentaram as discussões em torno das comunidades indígenas e afrodescendentes no país – ainda que, tal como descrito antes, esses grupos étnicos tenham sofrido prejuízos com o processo de exotização –, e “evidencia-se a tendência a um deslocamento cada vez mais marcado com a ideia do reconhecimento e proteção da diferença cultural”, diz Restrepo (2014a, p. 199)¹³.

Portanto, entende-se que a identidade colombiana, manifestada em Restrepo, foi se constituindo por meio de mudanças de interpretação com eventos marcantes no fim do século XX, primeiro com relação à biodiversidade e ao patrimônio natural, depois, finalmente, com a imagem étnica do país. Isto é, a identidade nacional está vinculada à riqueza natural do território colombiano e também ao seu caráter pluriétnico e multicultural. No entanto Restrepo (2013a, p. 197) é um tanto crítico a respeito de

¹³ Convém ressaltar que, tal como Hall (2013b), Restrepo também traz à baila o conceito de diáspora, no entanto, diferentemente do primeiro, o antropólogo colombiano não associa essa noção à discussão sobre identidade. A ideia de diáspora está vinculada à relação da população afro-colombiana com o Estado, presente, portanto, em sua vivência política, e não na constituição de uma identidade cultural. Como é possível perceber no excerto: “emergências e transformações do sujeito jurídico-político negro evidencia[m] a necessidade teórica e política organizativa de operar desde uma noção de diáspora não enclausurada por uma inocência do sujeito negro essencial” (Restrepo, 2020, p. 1.248).

como esses processos de *viradas* aconteceram: “É surpreendente como, em nome de discursos politicamente corretos e aparentemente bem-intencionados, cai-se em uma narrativa que altera a ‘verdade’ e é autocelebratória” (Restrepo, 2013a, p. 197). Dessa forma, as *viradas* parecem ser fruto de um conjunto de práticas discursivas que foram constituindo as condições de possibilidade para a materialização de tais processos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, cabe ressaltar a diferença de abordagem dos pensadores. Enquanto Hall (2006, 2013b) traz à luz seu pensamento sobre *identidades culturais* e diáspora caribenha fundamentado em sua própria experiência como sujeito colonial e fruto de deslocamentos, Restrepo (2013a, 2020) e Restrepo e Schwartz (2013) observam questões da genealogia colombiana. Nesse sentido, a discussão do jamaicano apresenta-se em um tom pessoal baseado em sua vivência, além de manifestar sua concepção de diáspora e de a atrelar à identidade caribenha. Os textos do colombiano são produzidos, majoritariamente, com base na leitura de documentos, em que coloca diferentes autores em diálogo, sem, no entanto, abordar sua própria concepção de identidade nacional colombiana.

Quanto à manifestação do conceito de identidade nacional em Hall e em Restrepo, entende-se que a caribenha, no primeiro caso, e a colombiana, no segundo, se constituem por sistemas de representações simbólicos distintos. A identidade caribenha está vinculada à diáspora, e isso significa dizer que o Caribe é composto de culturas impuras, de deslocamentos e de diversidade, além de a presença cultural da África – na música, na religião etc. – influenciar sobremaneira a constituição da identidade da região. Como resultado, há a condição do próprio Hall de intelectual diaspórico que se situou em um entrelugar e carregou em sua identidade traços de uma diáspora africana no Caribe e uma diáspora caribenha na Inglaterra. No caso colombiano, por outro lado, a identidade nacional mais recente está vinculada ao patrimônio natural do país e ao caráter multiétnico e multicultural. Tais aspectos nem sempre estiveram presentes no imaginário nacional, eles apenas sobrevieram com eventos qualificados como *viradas*, que ocorreram nos anos 1990. Assim, a identidade nacional colombiana constituiu-se por meio de mudanças de interpretação. Essas transformações, no entanto, são visualizadas a partir do olhar crítico de Restrepo, por entender que nesse processo houve a exotização dos grupos étnicos e, ao mesmo tempo, uma alteração da “verdade” em nome do politicamente correto e de aparentes boas intenções. Restrepo (2022, p. 256) afirma que, “quando se articula uma prática política fundamentalista, é necessário ter garantias de um sujeito essencial, de experiências que se traduzem nas posições políticas esperadas”, e, “quando isso não acontece, as coisas podem ser explicadas facilmente: a falsa consciência é um argumento conhecido”. Assim, “cancelar qualquer suspeita sobre esse conjunto de certezas em nome do politicamente correto, do que está em jogo devido ao sofrimento e à opressão dos subalternos, também é uma velha estratégia” (Restrepo, 2022, p. 256).

Ainda, de acordo com Hall (2010, p. 386), as questões de raça e racismo, nas últimas décadas, deixaram de ser biológicas e tornaram-se culturais, isto é, foram substituídas “por definições culturais de raça, as quais permitem que a raça desempenhe um papel significativo nos discursos da nação e da identidade nacional”. Esse argumento é relevante na medida em que a questão racial e étnica está evidenciada nas duas identidades exploradas neste trabalho. No caso caribenho, há uma identidade racial marcada por um antes e um depois da Independência, ou seja, no período colonial a

presença africana não era admitida; foi somente com as revoluções culturais dos anos 1970 que traços dessa matriz cultural foram integrados e reconhecidos. Na Colômbia, em seu turno, a questão racial está marcada, essencialmente, nos discursos analisados por Restrepo. Quer dizer, os sujeitos negros e indígenas representam a “particular diferença cultural” (Restrepo, 2022, p. 212) em relação ao modelo hegemônico colombiano, por isso são referidos como grupos étnicos, e nos processos de *viradas*, ao apelar-se a concepções essencialistas, foram exotizados. Igualmente, na Colômbia do século XX e, de certo modo, na atualidade, a raça também marca a organização geográfica do país¹⁴.

Por outro lado, há pontos de diálogo. Quanto às identidades, há o passado colonial que é comum na história do Caribe e da Colômbia (assim como de toda a América Latina). Também, ambas as identidades têm um caráter pluriétnico, o Caribe por estar vinculado ao conceito de diáspora e dessa forma abrigar uma pluralidade étnica e cultural africana, europeia, asiática, etc., e a Colômbia por, no fim do século XX, reconhecer os grupos étnicos – comunidades negras e comunidades indígenas – como protetores da biodiversidade, incluindo-os na representação nacional e conferindo-lhes determinados direitos, o que resultou também na legitimação da natureza multiétnica e multicultural do país.

Por fim, as reflexões de Hall não apenas marcam as temáticas abordadas por Restrepo em seus trabalhos, como também guiam os pontos de vista do colombiano, que confirma a colaboração do jamaicano para seus estudos sobre políticas da etnia de comunidades negras na Colômbia (Restrepo, 2022). Desse modo, há pontos de encontro no pensamento dos autores, a saber, a crítica a concepções essencialistas do sujeito negro – e, no caso de Restrepo, indígena também – e da pureza originária, a qual, conforme defende Hall, é impossível, já que “é impossível ‘voltar para casa’ de novo” (Hall, 2013a, p. 462).

REFERÊNCIAS

EDWARDS, B. H. Os usos da diáspora. *Translatio*, v. 13, p. 40-71, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/74384>. Acesso em: 11 dez. 2024.

HALL, S. A formação de um intelectual diaspórico. [Entrevista cedida a] Kuan-Hsing Chen. In: SOVIK, L. (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013a.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, S. **El triángulo funesto: raza, etnia, nación**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2019.

HALL, S. Epilogue: Through the prism of an intellectual life. In: MEEKS, B. (ed.). **Culture, politics, race and diaspora**. Kingston: Ian Randle, 2007. p. 269-291.

¹⁴ Ver Restrepo (2007).

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, p. 21-35, 2006. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360>. Acesso em: 11 dez. 2024.

HALL, S. Negociando identidades caribeñas. *In*: RESTREPO, E.; WALSH, C.; VICH, V. (ed.). **Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Popayán, Bogotá, Lima, Quito: Enviñon Editores, 2010. p. 405-418.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. *In*: SOVIK, L. (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013b.

PÉREZ, J. C. R. Oportunidad para territorios olvidados. **El Tiempo**, 1998. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-797991>. Acesso em: 11 dez. 2024.

REGALÍAS para Chocó por riqueza biológica. **El Tiempo**, 1993. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-265402>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E. Articulações da negridade: políticas e tecnologias da diferença na Colômbia. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 8, n. 1, p. 190-204, 2014a. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/18483>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E. El giro a la biodiversidad en la imaginación del Pacífico colombiano. **Revista de Estudios del Pacífico**, v. 1, n. 1, p. 171-199, 2013a. Disponível em: <https://www.aacademica.org/eduardo.restrepo/65.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E. Estado e afrodescendentes na Colômbia. **Contemporânea**, v. 10, n. 3, p. 1.225-1.252, 2020. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1010/pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E. Estudios Culturales en América Latina. **Revista Estudos Culturais**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2014b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98369>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E. **Etnización de la negridad: la invención de las “comunidades negras” como grupo étnico en Colombia**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2013b. Disponível em: <https://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/etnizacion-libro-fin.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E. **Forcejando con los ángeles: introducción interesada a Stuart Hall**. Lima: La Siniestra Ensayos, 2022.

RESTREPO, E. Imágenes del “negro” y nociones de raza en Colombia a principios del siglo XX. **Revista de Estudios Sociales**, n. 27, p. 46-61, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/19735>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E. ¿Negro o afrodescendiente? Debates en torno a las políticas del nombrar en Colombia. **Perspectivas Afro**, v. 1, n. 1, p. 5-32, 2021. Disponível em: <https://revistas.unicartagena.edu.co/index.php/PersAfro/article/view/3541>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E. Stuart Hall y la cuestión postcolonial. **Versión**, n. 37, p. 23-34, 2016. Disponível em: <https://versionojs.xoc.uam.mx/index.php/version/article/view/630>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E.; ROJAS, A. Políticas curriculares en tiempos de multiculturalismo: proyectos educativos de/para afrodescendientes en Colombia. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 157-173, 2012. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/restrepo-rojas.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESTREPO, E.; SCHWARTZ, E. Biocoloniality, governance, and the protection of “genetic identities” in Mexico and Colombia. **Sociology**, v. 47, n. 5, p. 993-1.010, 2013. Disponível em: <https://www.aacademica.org/eduardo.restrepo/64.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

THE STUART Hall Project. Direção: John Akomfrah. Reino Unido: Smoking Dogs Films; Lina Gopaul, 2013. [Filme].